

**“I PERCHÊ NU SO NAZIONALE?”: O OLHAR DO NEGRO SOBRE OS  
IMIGRANTES NO JORNAL *O CLARIM DA ALVORADA* (1924-1932).**

Renan Rosa dos Santos  
EFLCH/UNIFESP  
re.santos89@gmail.com

**Introdução**

Na cidade de São Paulo, um jornal intitulado *O Clarim*<sup>1</sup>, originalmente idealizado e produzido por dois jovens negros, Jayme de Aguiar e José Correia Leite, publicava sua primeira edição em 06 de janeiro de 1924. Na última página dessa edição, um texto intitulado “Naziunale” chama a atenção. Trata-se de um texto escrito em primeira pessoa, numa espécie de português “macarrônico”. Através dele é apresentado um personagem no mínimo curioso – um imigrante italiano, que alega gostar muito do Brasil e dos brasileiros, mas queixa-se ao ter sua nacionalidade *brasileira* contestada:

Io gosto muito du Brasile e dos brasileiro. Ma fico cheio de indignaçò quando sento a parlare que io nun sò naziunale. I perchê si a moglie mia é una mulatinha que parla o portuguese corretamente. Io só inleito du Nicolau ingoppa a Bella Vista, só nicociante di banane lá abbaixo o bom Ritiro, tengo denaro a bèssa, os minho figlio so studente nu cummercio giunto co Matarazzo.

I perchê nu so nazionale? Vâ dotore dá um gieto nisso, e bona notte (O CLARIM, 06 de jan. de 1924, p. 04)<sup>2</sup>.

A diante, é feito um agradecimento ao *Clarim* (chamado no texto de *U Clarino*), “O único giornale que qui reconhece os minho directa di naziunale e giornaliste patriottico” (O CLARIM, 06 de jan. de 1924, p. 04). O personagem que ganha voz através desse texto é o “proff. dott. Juo P. Carreta”.

---

<sup>1</sup> O jornal era originalmente chamado apenas de *Clarim*. Ele adotaria o nome *O Clarim d’Alvorada* a partir de sua 5ª edição, em maio de 1924.

<sup>2</sup> A grafia original dessa de de todas as citações foi mantida.

Esse texto parece ter uma pretensão satírica, pois salta aos olhos a contradição do personagem, que reivindica para si a nacionalidade brasileira sem ao menos dominar o idioma português.<sup>3</sup> Esse personagem ainda apareceria em mais três edições de *O Clarim*, como “autor” da coluna intitulada *U Clarino*: na edição de número dois, em 03 de fevereiro de 1924; na de número quatro, em 06 de abril de 1924; e, finalmente, na sexta edição, em 22 de junho do mesmo ano, quando o jornal já havia mudado seu nome para *O Clarim da Alvorada*. Ao me deparar com essa suposta descrição caricatural do italiano, desenvolvi a proposta central desta comunicação, que pretende buscar nas páginas de *O Clarim da Alvorada* elementos que evidenciassem as impressões de seus articulistas em relação à presença italiana e/ou estrangeira de modo geral, na cidade e no estado de São Paulo. E, nas distintas fases do jornal<sup>4</sup>, foram encontradas algumas citações que se referiam, direta e indiretamente, à presença imigrante.

Através da análise dessas menções aos imigrantes nas páginas d’*O Clarim da Alvorada*, esta comunicação possui também a pretensão de compartilhar alguns resultados parciais de minha pesquisa de mestrado, que tem como objeto esse que é considerado um dos mais importantes jornais da imprensa negra paulista do pós-Abolição. Sem desconsiderar aspectos como a materialidade, o alcance do jornal e o contexto no qual *O Clarim da Alvorada* foi produzido, o objetivo central de minha pesquisa trata de analisar como era mobilizado o conceito de *raça* em suas páginas. Seguindo os conceitos teórico-metodológicos da história social<sup>5</sup>, o foco da pesquisa se volta para o conceito de *raça* pelo fato de teorias racialistas terem ocupado um espaço central nos debates acerca da modernização do Brasil, resultando no desenvolvimento de políticas de viés eugenista que, amparadas e legitimadas por essas teorias, buscaram promover o branqueamento do Brasil (SCHWARCZ, 2011). Busco compreender como

---

<sup>3</sup> Além disso, o nome do autor, “Juo P. Carreta”, parece ser um trocadilho com “picareta”, embora não tenhamos encontrado outras evidências que corroborem essa ideia.

<sup>4</sup> *O Clarim da Alvorada* foi dividido pelos seus próprios articulistas em duas fases distintas: a primeira fase foi entre 1924 e 1927, período no qual o jornal se apresentava em seu cabeçalho como um “Órgão literário, noticioso jornal e humorístico”. A partir de 1928, até o encerramento de suas atividades, em 1932, o jornal entra em sua segunda fase, o que era, inclusive, mencionado na primeira página de cada edição. Nesse período, o caráter combativo, que já se fazia presente nos anos anteriores, torna-se ainda mais proeminente, e o jornal passa a apresentar a seguinte inscrição em seu cabeçalho: “PELO INTERESSE DOS HOMENS PRETOS, NOTICIOSO, LITERÁRIO E DE COMBATE”. Há ainda uma edição, publicada em setembro de 1940, anunciando uma terceira fase de *O Clarim da Alvorada*, mas não temos evidências de que houve uma continuação das publicações nessa terceira fase.

<sup>5</sup> Cf. (WILLIAMS, 2011a; WILLIAMS, 2011b).

os militantes e articulistas vinculados ao *O Clarim da Alvorada* compreendiam essa questão e como reagiam a ela.

*O Clarim da Alvorada* foi o jornal escolhido para a presente análise devido sua proeminência entre os periódicos negros paulistas das décadas de 1920 e 1930, período no qual a imprensa negra ocupava um papel central na articulação da luta contra o preconceito e discriminação racial (DOMINGUES, 2005, p. 47).

### ***O Clarim da Alvorada e a imprensa negra paulista***

Quando Jayme de Aguiar decidiu produzir um jornal e chamou seu amigo José Correia Leite para auxiliá-lo nessa tarefa, sua principal intenção era publicar obras literárias. O público leitor almejado pelos jovens era a população negra, mais especificamente uma parte dessa população que buscava forjar para si uma imagem urbana e moderna, em oposição às massas negras e pobres, consideradas atrasadas e “bárbaras”. Essa parcela da população negra ficou conhecida como “elite negra” (ROLNIK, 1989, p. 35 apud MALATIAN, 2018, p. 342). Embora grande parte dessa “elite” não possuísse uma condição material muito melhor do que as massas despossuídas, alguns integrantes desse grupo conseguiam uma instável e pequena ascensão, sobretudo através de serviços públicos de segunda categoria. Esse era, por exemplo, o caso de Jayme de Aguiar, auxiliar bibliotecário (FRANCISCO, 2017, p. 377).

De maneira geral, a história da imprensa negra paulista do início do século XX está diretamente associada à “elite negra”. Diante da demanda por espaços de sociabilidade, essa parcela da população negra desenvolveu uma série de associações destinadas a práticas culturais, esportivas e de lazer (ABRAHÃO & SOARES, 2012). Eram nesses espaços que os periódicos produzidos por e para negros circulavam. Inclusive muitas dessas associações tinham seus próprios jornais que, de modo geral, tinham o papel de abordarem assuntos diretamente relacionados a essas associações e à vida social de seus membros, noticiando casamentos, batizados, falecimentos, etc. Além de publicações relacionadas à vida social da “elite negra” e das associações compostas por esse grupo, diversos órgãos da imprensa negra paulista, buscavam também exaltar e

valorizar a figura do negro, rechaçando a imagens negativas e estereotipadas que a sociedade racista do início do século XX cultivava em relação a essa parcela da população. (FRANCISCO, 2013, p. 38). Como os negros não encontravam espaço, tampouco representatividade na imprensa tradicional, os periódicos da imprensa negra acabavam tendo a função de suprir essas demandas. Apesar disso, a duração da maioria desses jornais era bastante efêmera, sobretudo devido às dificuldades financeiras<sup>6</sup>.

Alguns periódicos também se dedicavam em denunciar o preconceito e a discriminação racial. Até a fundação da Frente Negra Brasileira (1931), essa imprensa alternativa foi a principal forma de articulação dos negros para denunciarem as situações de discriminação e reivindicarem direitos (DOMINGUES, 2005). Nesse contexto, *O Clarim da Alvorada* se destacava por sua combatividade entre os periódicos da imprensa negra do período da Primeira República, pois, apesar da ideia inicial de Jayme de Aguiar de fazer do jornal um veiculador de obras literárias, desde os primeiros números foram publicados textos no sentido de apontar os problemas da população negra e procurar encontrar soluções para os mesmos. Além de ter sido notório pela sua militância, *O Clarim da Alvorada* foi o jornal negro de sua geração que permaneceu por mais tempo em atividade, tendo sido publicado de forma quase ininterrupta entre 1924 e 1932, em edições mensais. Feito louvável, diante das dificuldades materiais enfrentadas pelo grupo responsável pela produção do jornal.

Por essas razões, dentre as dezenas de periódicos da imprensa negra paulista das primeiras décadas do século XX, *O Clarim da Alvorada* foi escolhido como fonte e objeto desta pesquisa, que tem entre seus objetivos compreender as ações e reações dos militantes negros em relação ao pensamento racialista e eugenista, presente na sociedade brasileira e, mais especificamente, na sociedade paulistana contemporânea ao seu período de atuação – 1924 a 1932.

### **O papel da raça na exclusão negra e na imigração europeia em São Paulo**

O olhar desta pesquisa se volta para o conceito de raça nas páginas d'*O Clarim da Alvorada* devido ao seu protagonismo nos debates acerca da modernização do Brasil

---

<sup>6</sup> Sobre a imprensa negra paulista ver (BASTIDE, 1973); (FERRARA, 1986).

entre o final do século XIX e início do XX e, conseqüentemente, sua influência para a formulação de políticas eugenistas que resultaram, entre outros fatores, na marginalização das populações não-brancas, sobretudo dos negros. Entre essas ações eugenistas, podemos citar o projeto imigrantista que se deu no estado de São Paulo, onde os capitais acumulados com a produção de café propiciaram uma estrutura que resultou na vinda de milhares de imigrantes, principalmente italianos, entre o final do século XIX e primeiras décadas do XX (AZEVEDO, 2008; JACINO, 2012).

Essa presença imigrante é particularmente intensa na cidade de São Paulo. O período entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX trouxe para o município uma série de transformações, como um pujante crescimento econômico e demográfico, além da modernização do espaço público. Nesses anos, a cidade estava repleta de imigrantes estrangeiros, a maioria deles de origem italiana. Os imigrantes, aliás, eram apontados como agentes do progresso paulistano, sendo relacionados ao dinamismo, à modernidade e às relações de trabalho que se estruturaram a partir da superação do sistema escravista (SANTOS, 2017). Por outro lado, os nacionais despossuídos, sobretudo os negros, que viviam em uma situação de marginalidade devido à incompletude do processo de Abolição, eram associados ao atraso, à barbárie das “culturas inferiores” não europeias, as relações de trabalho da ordem anterior, enfim, eram associados a aspectos que aquela sociedade buscava superar.

É possível considerar que a ausência de um projeto de inserção dos negros egressos do sistema escravista, bem como de seus descendentes foi, ela própria, uma face da ideologia de branqueamento, que vigorava no Brasil da Primeira República. De acordo com um dos teóricos da “tese de branqueamento”, João Baptista de Lacerda, o gradual desaparecimento da *raça* negra do Brasil se daria através de três fatores: entrada de população branca, que chegaria ao Brasil através das ondas migratórias; seleção sexual, que faria com que os mestiços sempre procurassem parceiros de pele mais clara; e o estado de abandono imposto à população negra, que faria com que eles tivessem um crescimento vegetativo negativo até que desaparecessem (SANTOS & SOUZA, 2012, p. 754). A “otimista” análise de Lacerda previa que, juntos, esses três fatores com que a

população brasileira estivesse livre de negros e até mesmo dos mestiços ainda no final do século XX (SCHWARCZ, 2011).

Focando especificamente no terceiro aspecto desse “tripé do branqueamento”, ou seja, no abandono da população negra, podemos observar que esse fenômeno é particularmente intenso em São Paulo, onde os agentes explorados pelo recém-desarticulado sistema escravista, bem como seus descendentes, foram sistematicamente preteridos e marginalizados nas primeiras décadas do pós-Abolição, uma vez que o poder econômico paulista, aliado à mentalidade abertamente racista do período, possibilitou a estruturação de uma rede imigrantista que gerou o influxo de milhares e milhares de imigrantes estrangeiros, principalmente italianos, para diversas regiões do estado, incluindo sua capital, a cidade de São Paulo.

A partir dos elementos descritos até aqui, bem como da observação da coluna satírica “U Clarino”, surgiu o questionamento que norteia o presente trabalho: qual era a percepção dos articulistas de *O Clarim da Alvorada* em relação aos imigrantes estrangeiros, considerados os agentes do progresso paulistano e, numa perspectiva mais ampla, considerados também os elementos que trariam a eugenia da população brasileira?

Nas diversas fases de *O Clarim da Alvorada* foram encontrados textos em referência à presença imigrante. A partir desses escritos, foi possível desenvolver algumas hipóteses acerca de como os intelectuais-militantes que produziam o jornal negro percebiam a presença imigrante e como reagiam a ela.

### **As percepções sobre os imigrantes em *O Clarim da Alvorada***

Os periódicos da imprensa negra refletiam os ideais da “elite negra” que, por sua vez, buscavam demonstrar que tinham valores consonantes com a sociedade urbana e moderna que se estruturou entre o final do século XIX e início do XX. *O Clarim da Alvorada* não foge a essa lógica. Nesse sentido, é até esperado que seus articulistas assimilassem e reproduzissem o discurso hegemônico na São Paulo das primeiras décadas do século XX, que atribuía aos imigrantes uma imagem idealizada de trabalhadores, dinâmicos, modernos, enfim, de agentes do progresso. E, de fato, foram

encontrados nas páginas de *O Clarim da Alvorada* alguns textos que apontavam para essa direção.

Na edição de janeiro 1929 foi publicado o texto “pequenas considerações”, de Alcides da Costa, que faz uma breve comparação entre a situação dos negros da capital e do interior. A conclusão desse texto é de que a situação dos negros das regiões rurais é melhor do que daqueles que estão nas áreas urbanas. Sem entrar no mérito da assertividade dessa conclusão, chama a atenção o trecho no qual ele afirma:

Assim podemos afirmar que os homens de cor do nosso hinterland [...] estão em ótimas condições como trabalhadores, gosando das mesmas vantagens e benefícios que os demais homens da lavoura.

O trabalho do preto, pois, é tão considerado quanto o do italiano, que é o colono paulista por excellencia!” (O CLARIM DA ALVORADA, 06 jan. 1929, p. 03).

A citação acima, além de apresentar uma representação positiva acerca do colono italiano, busca estabelecer uma comparação com o trabalhador negro. Dessa forma, o articulista acaba por transmitir a ideia de que o trabalhador negro pode ser tão bem aproveitado quanto o estrangeiro, quando a devida oportunidade lhe é dada. Uma representação positiva em relação ao elemento estrangeiro sucedida por uma comparação com o trabalhador negro também foi localizada na edição de 13 de maio de 1929. Nessa edição, especial e comemorativa em alusão ao aniversário da Abolição, foi publicado o poema “Mãe Preta”, assinado por Reis Carvalho. Uma das estrofes desse poema versa: “O negro bom, a raça onde o amor mais vigora/Defensor do Brasil na campanha sangrenta/Com o estrangeiro, cultor do paiz que sustenta/ Escravidado jaz, em vis senzalas moral!...” (O CLARIM DA ALVORADA, 13 de mai. 1929, p. 04).

Ambas as citações assimilam a noção de que os estrangeiros (a primeira referindo-se diretamente aos italianos, maior colônia presente em São Paulo) eram agentes do progresso da cidade e do Estado, rearticulando-a no sentido de apontar que os negros eram, também, cumpridores dessa função.

Por outro lado, *O Clarim da Alvorada* não registra apenas representações lisonjeiras em relação à presença imigrante em suas páginas. Além da já citada coluna satírica “U Clarino”, que parece retratar uma visão caricatural e estereotipada do imigrante italiano, outros textos, não tão bem humorados assim, evidenciam uma visão negativa dos militantes negros em relação aos imigrantes, além da insatisfação com algumas situações de preconceito que se relacionavam direta ou indiretamente com a presença dos estrangeiros na capital. Há, ainda, a constatação da existência de atritos eventuais entre a comunidade negra e os imigrantes.

Na edição de 13 de abril de 1930 houve a publicação de um extenso texto que se referia aos esforços que o grupo vinculado ao *O Clarim da Alvorada* vinha desempenhando para promoverem um congresso que iria discutir uma série de demandas da população negra<sup>7</sup>. Em um trecho desse texto há uma queixa em relação às críticas que o grupo estava sofrendo por tentar organizar esse congresso. No sentido de apontar a improcedência dessas críticas, o texto menciona “o estrangeiro”, de forma generalizada e bastante negativa, principalmente levando-se em consideração as concepções morais da época:

Qualquer estrangeiro proprietário de salão forma bailes públicos com rótulos de sociedades, iludindo famílias e convidando prostitutas para esses antros de perdições, sem um nosso protesto e sem o protesto das nossas verdadeiras sociedades; no entanto, há quem proteste e ridicularize a ideia da realização de um congresso da raça (O CLARIM DA ALVORADA, 13 de abr. de 1930, p. 01).

Por que texto utiliza, de maneira um tanto vaga, a figura do “estrangeiro” para ilustrar como eram injustas as críticas em relação à tentativa de promover o congresso? É possível que esse trecho demonstre a insatisfação do grupo responsável pelo *O Clarim da Alvorada* em relação à falta de equidade no trato em relação aos negros e aos estrangeiros, uma vez que, enquanto os intelectuais-militantes que almejavam organizar

---

<sup>7</sup> Trata-se da tentativa dos responsáveis pelo *O Clarim da Alvorada* de realizar o “Congresso da Mocidade Negra”. Os articulistas do periódico negro buscaram se articular com outras lideranças do movimento negro de São Paulo para viabilizar a realização do Congresso. Os esforços para a realização desse congresso ocorreram entre 1929 e 1930, mas ele acabou não ocorrendo (DDOMINGUES, 2005, pp. 45/46).

um evento que tinha a finalidade de encontrar soluções para os problemas que afligiam a população negra, estrangeiros tinham liberdade para agir livremente, até mesmo como elementos corruptores da moral, conforme o exemplo da citação acima.

Já na edição de 28 de setembro de 1930, a parte final de texto escrito por um congregado mariano, que havia sido parcialmente publicado na edição anterior, traz elementos que evidenciam uma relação um tanto conflituosa entre negros e imigrantes estrangeiros: “Todos se colocam contra o preto. Ele é desprezado, humilhado em toda parte. O estrangeiro maltrata-o e ninguém vem em seu auxílio, nem mesmo os brasileiros” (O CLARIM DA ALVORADA, 28 de set. 1930, p. 02).

Esses conflitos se mostram ainda mais evidentes em um texto publicado na edição de 29 de outubro de 1929, o qual trata da reprodução de um discurso de Tasso da Silveira, citando um episódio de discriminação protagonizado pelo jornal *Fanfulla*, da comunidade ítalo-brasileira de São Paulo:

Para provar o juízo que o estrangeiro faz do negro brasileiro, apresentamos abaixo algumas palavras do jornal ‘Fanfulla’ com referência aos negros patricios: “Si guarda con diffidenza allo estrangeiro i si permette cosi che San Paolo assumo un po alla volta etnographicamente da fisionomi a di Bahia. Avete mai provato a contare i negri e mulati che incontrate in un breve tratto di strada?” (O CLARIM DA ALVORADA, 29 out. 1929, p. 01)<sup>8</sup>.

Num trecho a diante desse mesmo discurso, há a seguinte afirmação: “Não foi o estrangeiro que derrubou florestas seculares e plantou nosso café, mas sim o preto. O colono europeu para nós, não foi mais do que um substituto do negro, um continuador da obra do africano” (O CLARIM DA ALVORADA, 29 out. 1929, p. 04). Esse trecho é particularmente interessante, pois ilustra uma das estratégias recorrentes em toda a trajetória de *O Clarim da Alvorada*: a mobilização da memória acerca da escravidão como ferramenta legitimadora da reivindicação dos negros por inserção na sociedade

---

<sup>8</sup>*Olha-se com desconfiança ao estrangeiro, e se permite assim que São Paulo assumo em pouco tempo a fisionomia da Bahia. Você já tentou contar os negros e mulatos que você encontra em um pequeno trecho de rua?* (tradução livre)

brasileira, através da afirmação de que os negros escravizados foram produtores de riquezas para o Brasil.

Antes das considerações finais, gostaria de compartilhar algumas reflexões acerca de um texto publicado em *O Clarim da Alvorada* que, de certa forma, reflete a visão ambígua dos articulistas do periódico em relação aos imigrantes estrangeiros, evidenciando, ao mesmo tempo, um olhar de admiração e ressentimento. Trata-se do texto “Os barqueiros do Volga”, publicado na edição de 17 de julho de 1927. Esse texto faz uma crítica à guarda civil da cidade de São Paulo, pelo fato de admitir estrangeiros, dentre os quais alguns que sequer dominavam o idioma português, mas, por outro lado, tinha restrições à presença de negros em seus quadros. De acordo com o texto, entre os estrangeiros admitidos na Guarda estava um grupo apelidado de “Barqueiros do Volga<sup>9</sup>”.

Logo no início do texto fica evidente o incômodo pelo fato dos estrangeiros não dominarem o idioma nacional e, mesmo assim, conseguirem compor as fileiras da guarda. Adiante, é feita a menção à resistência em relação à contratação de negros:

Foram batizados com o honroso título de barqueiros do volga, esses homenzarrões de olhos gateados e cabelos loiros, mas [que] não *se espiengam niente* no pertuense. [...] E vão deixando para traz as campanhas de maior necessidade para o nosso proveito. Simplesmente pelo facto da nossa elegante guarda civil não aceitar pretos no seu seio. Dizem até que alguns e creoulos, meios esfolados na cor, que fazem parte dessa corporação já foram promovidos à caboclo. (O CLARIM DA ALVORADA, 17 jul. 1927, p. 03).

Outro aspecto do trecho citado acima merece destaque: ao abordar, de forma um tanto irônica e mesmo bem humorada, o fato dos poucos negros que compõe a guarda civil terem sido “promovidos à caboclo” [sic], o texto evidencia a dimensão estética do racismo da sociedade paulistana daquele período. De acordo com o texto, alguns negros de pele mais clara (chamados no texto de “esfolados”) até conseguiam ingressar na guarda civil, mas tinham sua origem negra obscurecida ao serem “promovidos à

---

<sup>9</sup> Trata-se, provavelmente, de uma referência à obra do pintor e escultor ucraniano Ilya Repin. Esse quadro, de 1868, retrata o penoso trabalho dos rebocadores de barcos do Rio Volga. Cf. <<https://tinyurl.com/y3jp6u6w>>. Acessado em 03/08/2019.

mulatos”. Não fica evidente se essa é uma atitude que parte da guarda ou dos próprios ingressantes, mas, independente disso, esse comportamento é consonante ao conceito de gradação cromática do racismo, segundo o qual uma pessoa negra pode ter mais ou menos oportunidades de mobilidade social ou integração, conforme suas características físicas se aproximam ou se afastam dos padrões fenotípicos do europeu (SKIDMORE, 1973 *apud* JACINO, 2012, p. 22).

Outro trecho do mesmo texto traz uma tentativa do autor, que não assina a publicação, de demonstrar despreocupação em relação a essa preterição aos negros, mas acaba indiretamente por evidenciar certo ressentimento frente essa situação, ao fazer uma observação desdenhosa da ocupação de guarda:

[...] ainda não resolveram fundar nessa bela Paulicéa, a guarda civil dos Henrique Dias, portanto, devemos ter paciência, e vamos tratar de outra vida. O que não devemos é passar por despeitados, e além disto, nem todos os pretos estão dispostos a serem guardas de cinemas. Não é por esse facto que vamos deixar de ser bons brasileiros, e, que este Brasil grandioso, também deixe de ser nossa estremecida Patria, e por ella sempre devemos estar dispostos a dar tudo quanto temos. Assim como já deram nossos queridos avós (O CLARIM DA ALVORADA, 17 jul. 1927, p. 03).

Além da questão do ressentimento, o trecho acima apresenta a recorrente estratégia utilizada pelos produtores de *O Clarim da Alvorada*, de evocar da memória sobre a escravidão para reivindicar a integração do negro na sociedade estruturada no pós-Abolição. O texto continua no mesmo tom ressentido, ao traçar uma comparação entre os “Barqueiros do Volga” que, embora fossem imigrantes recém-chegados, já se encontravam em uma situação mais estável que e a população negra de modo geral. A conclusão do texto trata da necessidade de mobilização dos patrícios para a obtenção da elevação moral, social e econômica dos negros:

Vamos tratar da instrucção do preto, vamos tratar do civismo, vamos tratar das caixas beneficentes e de uma associação forte, que represente de verdade, esta classe poderosa que até aqui tem vivido completamente desunida. [...] Vamos deixar em paz os Barqueiros do Volga, que já estão tomando a nossa dianteira;

pois chegaram hontem emmigrados, mas já possuem associações beneficentes, clubs dançantes, etc., e não tarda sahirá nas ruas de S. Paulo o seu orgam oficial, assim como já tem o turco o italiano o espanhol e demais classes que cooperam ao nosso lado para o progresso gigantesco dessa capital [...] (O CLARIM DA ALVORADA, 17 jul. 1927, p. 03) [grifos nossos].

Não é possível determinar, através do texto, a nacionalidade dos “Barqueiros do Volga”, mas esses imigrantes são comparados a outras colônias presentes na cidade de São Paulo – turcos, italianos, espanhóis, etc. Através desse trecho do texto constata-se uma visão positiva do autor em relação aos imigrantes, apontando-os como sujeitos que cooperam para o progresso da capital paulista. E nesse texto, assim como em outras representações positivas dos imigrantes encontradas em *O Clarim da Alvorada*, é ressaltada a ideia do estrangeiro ser um elemento responsável pelo progresso... *ao lado do negro*.

### **Considerações finais**

A partir dos textos analisados, foi possível constatar uma relativa ambiguidade na percepção dos articulistas de *O Clarim da Alvorada* em relação à presença estrangeira na sociedade paulista. Em determinados momentos se sobressaía um olhar crítico em relação à predileção dessa sociedade pelo elemento estrangeiro, que por vezes era acompanhada também de demonstrações de ressentimento.

Por outro lado, foi verificado também que o periódico negro reproduzia, em diversos momentos, a ideia de que os imigrantes eram agentes do progresso, em consonância com o pensamento hegemônico do período. Mas, a guisa de conclusão, é possível supor que a assimilação dessa visão positiva dos articulistas de *O Clarim da Alvorada* acerca do imigrante se configurasse como uma ferramenta argumentativa a ser usada nas reivindicações dos próprios negros, uma vez que a reafirmação dos aspectos positivos da presença imigrante era, em diversos momentos, sucedida por comparações que buscavam equiparar as contribuições dos negros e dos imigrantes ou, ao menos demonstrar que os primeiros poderiam ter tanto potencial quanto os últimos. Em outras

palavras, o que o grupo responsável pela produção do jornal *O Clarim da Alvorada* pretendia era demonstrar que os negros podiam ser, assim como os imigrantes, agentes do progresso da sociedade.

### Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v. 26, n.1, pp.63-76, jan./mar. 2012. Disponível em <http://docplayer.com.br/15081631-A-imprensa-negra-e-o-futebol-em-sao-paulo-no-inicio-do-seculo-xx.html>. Acessado em 02/08/2019.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX*. 3ª Edição. São Paulo: Annablume, 2008.

DOMINGUES, Petrônio José. *A insurgência do Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*. Tese de doutorado, História, FFLCH, USP, São Paulo. [s.n.], 2005.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição. Identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo: Alameda, 2013.

\_\_\_\_\_. “Um novo abolicionismo para a ascensão na nação da Mãe Preta: discursos sobre a fraternidade racial no jornal *O Clarim da Alvorada* (1924-1932)”. *Antíteses*. , v. 10, n. 19, p.376-396, jan./jun. 2017.

JACINO, Ramatis. *O negro no mercado de trabalho em São Paulo pós-Abolição – 1912/1920*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Econômica da FFLCH/USP. São Paulo, 2012. Disponível em <http://twixar.me/mcCn>. Acessado em 20/06/2019.

MALATIAN, Teresa. “Cem anos de Imprensa Negra em São Paulo: da descoberta à edição fac-similar”. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, Unesp, v. 14, n. 1, p. 340-364, janeiro-junho, 2018.

SANTOS, José Carlos Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e a Pobreza: 1890-1915*. 4ª edição. São Paulo: Annablume, 2017.

SANTOS, Ricardo Ventura; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 7, n. 3, p. 745-760, set.-dez. 2012. Disponível em <http://twixar.me/66LK>. Acessado 07/08/2019.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, RJ. v. 18, n. 1, jan-mar. 2011. Disponível em <http://twixar.me/f2xn>. Acessado 18/06/2019.

WILLIAMS, Raymond. “Base e Superestrutura na Teoria da Cultura Marxista”. In: *Cultura e Materialismo*. Tradução de André Glaser. São Paulo: editora Unesp, 2011a, pp. 43-68.

\_\_\_\_\_. “WILLIAMS, Raymond. “Meios de comunicação como meios de produção”. In: *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011b, pp. 69-86.